

Uma Ponte para os Continentes: Álvaro Vasconcelos, registros de seu encontro com o Nordeste do Brasil

A Bridge Between Continents: Álvaro Vasconcelos, a record of his encounter with the Northeast of Brazil

Manoel Severino Moraes de Almeida
Universidade Católica de Pernambuco
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2510-2682>

Resumo

O presente ensaio é um registro da visita de Álvaro Vasconcelos ao Brasil, no ano de 2015, em dois momentos: o primeiro, na Universidade de São Paulo – USP; e o segundo, na reunião com os diretores do Instituto Dom Helder Camara, no dia 8 de julho de 2015. Nas duas oportunidades pude compartilhar de seus diagnósticos e projeções. Na reunião do IDHeC, seus comentários sobre a filosofia política global demonstram-se, quase uma década depois, atuais e salutares para o debate da conjuntura. No Recife, revisitou vários lugares e debateu com amigos a realidade brasileira. Trata-se de seu encontro com o Nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Álvaro de Vasconcelos; justiça de transição; democracia; extrema direita.

Abstract

This essay is a record of Álvaro Vasconcelos' visit to Brazil in 2015, in two moments: the first, at the University of São Paulo – USP; and the second, a meeting with the directors of the Instituto Dom Helder Camara, on July 8, 2015. On both occasions, I was able to share in his diagnoses and projections. At the IDHeC meeting, his comments on global political philosophy prove, almost a decade later, to be current and useful for analyzing the present situation. In Recife, he revisited several places and discussed the Brazilian reality with friends. This was his encounter with the Northeast of Brazil.

Keywords: Álvaro de Vasconcelos; transitional justice; democracy; right-wing extremism.

Álvaro Vasconcelos é um pensador crítico português que vem unindo os povos através de seu esforço de conhecer a *polis* e seus significados nos diversos continentes. Tornou-se um intelectual orgânico da luta pela democracia e tem se destacado em contribuir com a Escola de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo – USP, além de ser Fundador do Fórum Demos – um espaço que congrega intelectuais e pesquisadores de vários países, principalmente do Brasil e de Portugal.

Alegro-me em o ter conhecido no dia 26 de março de 2015, na USP, durante a IX Reunião do Grupo de Estudos sobre Internacionalização do Direito e Justiça de Transição – IDEJUST. O evento foi sediado na Escola de Relações Internacionais pela ocasião do “Primeiro balanço das Comissões da Verdade no Brasil: o seu papel na agenda da justiça de transição”, oportunidade que reuniu vários pesquisadores sobre os fenômenos transicionais e representantes das Comissões da Verdade do Brasil.

Para uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento das Comissões da Verdade em seus múltiplos formatos, recomendo a leitura do artigo de Cristina Buarque, “Direitos humanos e democracia: a experiência das comissões da verdade no Brasil”. Neste texto, a autora apresenta o conceito de comissionismo e explica em sua análise que o comissionismo está diretamente relacionado ao processo de engajamento dos defensores de direitos humanos nas Comissões da Verdade no Brasil.

A professora Ruti Teitel em seu artigo “Transitional Justice Genealogy” (A Genealogia da Justiça de Transição)¹, em 2003, rerrelaciona em fases as grandes etapas transicionais no mundo contemporâneo, criando uma teoria que tem se desenvolvido em torno da possibilidade de identificar paralelos nas diversas transições de regimes autoritários para sociedades democráticas.



IX Reunião do IDEJUST na USP.

¹ TEITEL, Ruti – Genealogia da Justiça de Transição. In REÁTEGUI, Félix (Coord.) – *Justiça de transição: manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça; Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011, pp. 135-170.

Naquela ocasião, participei como membro titular da Comissão da Memória e Verdade Dom Helder Camara de Pernambuco e conheci Álvaro buscando respostas para os temas sobre os quais o encontro se debruçava, na análise das medidas e pesquisas realizadas pelas Comissões da Verdade e sua contribuição para o aperfeiçoamento das instituições e a democracia no Brasil.

No mesmo ano, no dia 8 de julho de 2015, estive no Recife, visitando vários lugares e monumentos culturais e artísticos, e foi neste dia que levei Álvaro e sua esposa Maria José para conhecer o Instituto Dom Helder – IDHeC. Naquele dia, o casal conheceu o Memorial Dom Helder Camara, e conversou com a diretoria do Instituto sobre política internacional e sobre o Relatório das Tendências Mundiais, brindando a todas e todos com uma análise global dos desafios da conjuntura política que iríamos atravessar nos anos seguintes, e adianto que naquela tarde tivemos uma verdadeira aula sobre o empoderamento da sociedade diante das novas formas de Estado.



Reunião no Espaço Dom José Lamartine – IDHeC².

Álvaro relatou os motivos do desgaste dos partidos políticos europeus, em parte, por falta de uma maior participação da sociedade, em grande medida os eleitos ficam distantes das grandes decisões partidárias. Esta crise de legitimidade é suprida pelo avanço do discurso populista que promete ao eleitor um maior empoderamento na política de matriz nacionalista, rompendo com o discurso dos partidos políticos tradicionais na defesa de bandeiras mais globais, como os direitos humanos.

Há, ainda, o perigo da difusão do poder, que representa um mundo policêntrico, em que as grandes empresas disputam a centralidade com o Estado. Nesse mundo policêntrico, instituições privadas passam a assumir um papel importante nas relações internacionais, como as empresas privadas que foram usadas na Guerra do Iraque. No âmbito interno, a privatização da segurança pública representa o mesmo perigo.

² Presentes na foto, da direita para a esquerda: Francisco Moraes (de costas ao fundo); Manoel Moraes, Roberto Franca, Edelomar Barbosa, Álvaro Vasconcelos, Normandia Medeiros e, na sequência, embora não apareçam, Elizabeth Barbosa, Christina Ribeiro, Maria José Vasconcelos e Teresa Duere.

Em sua análise política, Álvaro antecipou a chegada das milícias ao poder no Brasil, através do esgotamento da capacidade do centro democrático de reagir ao clima de medo organizado pela extrema direita.

Aos governos, fica a incapacidade de entrega à sociedade, de responder à expectativa dos cidadãos. O chamado déficit dos governos, ou déficit de expectativa. Esta relação é desintegradora diante da difusão de poder, segundo Moisés Naim em *O Fim do Poder*.

O Moisés Naim apresenta no seu livro uma série de observações sobre os limites do poder Estatal e o crescimento do poder privado das empresas e sua atuação diante dos seus interesses e seus *lobbies*.

A outra tendência que Álvaro ressaltou seria uma realidade policêntrica no mundo, diante do fim de uma hegemonia pós-Guerra Fria. Há, no seu ver, um declínio do poder internacional dos EUA e da Europa. Surgem novos protagonismos, como a China e outros países, como o Brasil.

Mesmo com esse crescimento, a força militar dos EUA ainda será sentida por muitas décadas, mas a proposta de uma Organização das Nações Unidas precisa ter a capacidade de incluir mais e promover mais acordos e cooperações. Do contrário, teremos um mundo fragmentado e isso seria um perigo, um verdadeiro desastre no modelo do *soft law*.

Novamente, Álvaro é cirúrgico ao apresentar a Guerra da Síria como o maior desastre humanitário. Infelizmente, neste ponto estamos com um cenário ainda pior, com a Guerra da Ucrânia e o massacre na Faixa de Gaza, que assistimos hoje.

Na época, Álvaro acreditava que haveria a possibilidade de uma reformulação da ONU. Caso isso ainda ocorra, será possível reverter um sistema que ainda vive na realidade do fim da Segunda Guerra Mundial, ou seja, precisamos repensar o Conselho de Segurança da ONU para uma capacidade mais ampla e “*multilateralizar o policentrismo no mundo*”, afirmou, buscando a saída da hegemonia dos EUA, ou de qualquer outra resposta centrada em um único país e seus aliados.

A classe média, tanto europeia quanto americana, sente medo do crescimento da classe média da China e dos países emergentes. Esse declínio das classes médias nestes países mais hegemônicos pode fazer crescer grupos de extrema direita, como ocorreu nas últimas eleições para o Parlamento Europeu. Se a China cresce, economicamente, na proporção que tem crescido teremos um avanço de uma nova classe média global, mas que emerge sem uma identidade política definida.

Em grande parte, a nova classe média foi apresentada ao consumo, e o medo a uma perda desse padrão de consumo pode levar estas pessoas aos braços dos discursos populistas e ao poder das redes sociais.

Neste encontro, o tema final abordado por Álvaro foi o tema da migração e o crescimento das identidades políticas, que agregam mais ainda a necessidade de uma expressão plural, como afirma Amartya Sen no seu livro *Identidade e Violência*.

Diante desse surgimento do aumento dos movimentos identitários e da migração, houve o crescimento dos nacionalismos populistas de extrema direita, que negam a possibilidade de diversidade e da migração, apontadas como ameaças.

Na Europa, no fim da Segunda Guerra Mundial, o nacionalismo extremo e as políticas identitárias excludentes, deslegitimaram toda política identitária. Mas com a queda do muro de Berlim, tudo isso foi posto em questão. Naquele momento, sustentava-se dois internacionalismos: o internacionalismo soviético, que deslegitimava o nacionalismo da Europa do Leste; e o internacionalismo da Europa, que deslegitimava o nacionalismo da Europa Ocidental. O fim da União Soviética reavivou o nacionalismo na Europa do Leste. E o internacionalismo da União Europeia deslegitimou o nacionalismo na Europa Ocidental. Além disso, crise da União Europeia reavivou o crescimento do nacionalismo na Europa Ocidental.

Em linhas gerais, Álvaro antecipou os elementos fundamentais do cenário atual. Dez anos depois, as eleições para o parlamento europeu expressaram o aumento exponencial da extrema direita na França, que pode efetivamente chegar ao poder nas próximas eleições francesas, em 2024.

Álvaro, em seu livro *De Trump a Putin: A Guerra contra a Democracia* (2022), reflete sobre as perspectivas históricas da democracia liberal. Destaco uma passagem que ressalta o seu pensar hoje, sobre o que acredita: “[...] continuo, no entanto, a pensar que a democracia liberal, na sua combinação de direito de voto, direitos humanos e Estado de direito, é a única forma de democracia que existe e que só ela é capaz de garantir a justiça social”.

Em síntese, o cidadão europeu entende que o indivíduo se sente impotente diante das cúpulas do sistema político europeu. Logo passa a defender um nacionalismo onde ele imagina que terá mais poder de incidência na política que na atual realidade. Essa tendência do esgotamento da entrega dos governos, abrevia a expectativa da sociedade em projetos de longo prazo.

Floresce, nesse cenário, o discurso messiânico e mágico de explicação da realidade. É dessa forma que, em parte, explica-se o crescimento também dos grupos extremistas do Oriente Médio, como o ISIS (movimento sunita), etc. O ISIS é formado em parte pelos ex-membros do Exército de Saddam Hussein, e parte do armamento que foi capturado das tropas americanas. E, entre outras iniciativas, parte do seu contingente foi atuar na Guerra da Síria.

Conclusão

O pensamento de Álvaro Vasconcelos tem semeado, ao longo dos anos, seu ideário de justiça e paz, repleto de valores e do esperar, para citar Paulo Freire. Trabalhar

com a utopia, faz de seu fazer de escritor um deleite para o leitor que visa construir seus próprios caminhos diante dos desafios da política hoje.

Dono de uma linguagem objetiva e envolvente, seus textos e lições contribuem para entendermos melhor a filosofia política e os fatos do contemporâneo, sem perder de vista direito à memória e à verdade como uma construção social e política.

Foi dessa busca pelo direito à memória e à verdade que nos aproximamos. Álvaro, querendo entender a contribuição das Comissões da Verdade no Brasil, encontrou algo ainda maior: a possibilidade de contribuir com as aproximações de nossos dilemas mais estruturais – a desigualdade social e política.

Revisitando as minhas anotações de dez anos atrás, fiquei impressionado como suas análises, naquela tarde, diante da pequena reunião no Espaço Dom José Lamartine, foram extremamente enriquecedoras. Registrei neste ensaio, alguns de seus diagnósticos, que foram precisos e necessários para resistirmos aos fascismos dos anos seguintes.

Não seria exagero dizer que construímos, através desses encontros, uma troca de pensamentos que tem ajudado a trilharmos iniciativas que vão além das instituições que integramos. Na pandemia, o Fórum Demos ajudou em sermos mais próximos aos dilemas que atravessamos, bem como, na resistência democrática que une continentes e os povos, em um direito internacional multilateral.

Sou grato hoje em poder registrar estes encontros, repletos de uma solidariedade que se encontra nos revolucionários, nas trincheiras da liberdade em busca do ideário sempre eterno de que outro mundo é possível.

Referências bibliográficas

HOLLANDA, Cristina Buarque de – Direitos humanos e democracia: a experiência das comissões da verdade no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33:96 (2018), pp. 1-18. DOI: 10.17666/339610/2018.

HOLLANDA, Cristina Buarque de; ISRAEL, Vinícius Pinheiro – Panorama das comissões da verdade no Brasil: uma reflexão sobre novos sentidos de legitimidade e representação democrática. *Revista de Sociologia e Política*, 27:70 (2019), pp. 1-21. DOI: 10.1590/1678-987319277006.

NAIM, Moisés – *O fim do poder: como os novos e múltiplos poderes estão mudando o mundo e abalando os modelos tradicionais na política, nos negócios, nas igrejas e na mídia*. São Paulo: LeYa, 2019.

SEM, Amartya – *Identidade e violência: a ilusão do destino*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2015.

TEITEL, Ruti – Genealogia da Justiça de Transição. In REÁTEGUI, Félix (Coord.) – *Justiça de transição: manual para a América Latina*. Brasília: Comissão de Anistia, Ministério da Justiça; Nova Iorque: Centro Internacional para a Justiça de Transição, 2011, pp. 135-170.

VASCONCELOS, Álvaro – *De Trump a Putin. A Guerra Contra a Democracia*. Porto: Edições Afrontamento, 2022.